

ADRIANO



Planeta

 Planeta

TRÉCHO ANTICIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

meu
medo
maior

ADRIANO

meu
medo
maior



Planeta



Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Adriano Imperador, 2024
Copyright © Ulisses Neto, 2024
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2024
Todos os direitos reservados.

Preparação: Wélida Muniz
Revisão: Carmen T. S. Costa
Projeto gráfico e diagramação: Negrito Produção Editorial
Capa: Fabio Oliveira
Fotos de capa: Sam Robles
Mentoria: Juliana Frank

A Editora Planeta não se responsabiliza pelas opiniões do biografado em relação a fatos e pessoas.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Adriano

Adriano : meu medo maior / Adriano. – São Paulo : Planeta do Brasil, 2024.
504 p.

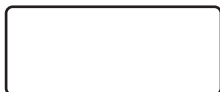
ISBN 978-85-422-2879-3

1. Leite, Adriano 1982 – biografia 2. Futebol I. Título

24-4239

CDD 927.96334

Índice para catálogo sistemático:
1. Leite, Adriano 1982 – biografia



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2024
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP – 01415-002
www.planetadelivros.com.br
atendimento@editoraplaneta.com.br

1. Trabalhar dá uma sede danada

Você sabe o que é ser uma promessa? Eu sei. Inclusive uma promessa não cumprida. O maior desperdício do futebol: eu.

Gosto dessa palavra, desperdício. Não só por ser musical, mas porque me amarro em desperdiçar a vida. Estou bem assim, em desperdício frenético. Curto essa pecha. Mas nunca amarrei uma mulher a uma árvore, como dizem. Não uso drogas, como tentam provar. Não sou do crime, mas, claro, poderia ter sido. Não curto baladas. Vou sempre ao mesmo lugar, o quiosque do Naná; se quiser me encontrar, dá uma passada lá.

Eu bebo todos os dias sim, e os dias não muitas vezes também. Por que uma pessoa como eu chega ao ponto de beber quase todos os dias? Não gosto de dar satisfação para os outros. Mas aqui vai uma: não é fácil ser uma promessa que ficou em dívida. Ainda mais na minha idade. Me chamam de Imperador. Imagina isso. Um cara que saiu lá da favela para ganhar o apelido de Imperador na Europa. Quem explica, cara? Eu não entendi até hoje.

Muita gente não sacou por que abandonei a glória dos gramados para ficar aqui sentado e bebendo em aparente deriva. Aconteceu porque em algum momento eu quis, e é o tipo de decisão difícil de voltar atrás. Mas não quero falar disso agora. Os meus motivos vão aparecer mais pra frente. Tenho que pegar um avião e ir pra São Paulo. Mais uma gravação de comercial. Vão me pagar o valor do seu apartamento para dizer que o futebol europeu também é importante para a favela.

Pensou que eu não trabalhasse mais, né? Tá errado, irmão. Anota esta: minha deriva e meu desperdício não são como você pensava. Toda semana tem alguma coisa para vender, uma entrevista para gravar, ou um post patrocinado para publicar. Minha assessora me liga e pede pelo amor de Deus para eu não me atrasar. O carro me espera lá embaixo. São dez da manhã de uma segunda-feira, e o voo decola daqui a uma hora e meia.

Porra, por que eu aceitei essa gravação? Não gosto de ter compromisso às segundas, meu dia de descanso. Terça? Não me ligue. Ignoro todo mundo. Quarta é para trabalhar. Quinta é véspera de sexta, mas ainda dá. E depois vem a sexta sexy... O calendário do Didico funciona assim. Entro no carro já pensando na hora de voltar para casa. Se eu desenrolar tudo rápido e do jeito que me pedirem, talvez consiga fazer um bate-volta.

Naná, reforça o estoque de uísque e gelo! Trabalhar dá uma sede danada, e eu vou encostar aí com a minha galera. Meus amigos estão comigo desde a infância. Hermes, Jorginho, Geo e meu primo Rafael. Essa cambada não vale nada, cuidado com eles. Amo esses caras. Eles cuidam de mim, e eu cuido deles.

A gravação em São Paulo sai como o planejado. Peço para a produção me colocar no último voo do dia de volta para casa. Claro que dá tempo, caramba. Cancela o hotel e me arruma um carro pro aeroporto, faz favor. Me despeço da minha assessora. Ela tinha marcado jantar com um pessoal. Vai ter que ficar para a próxima. Já fiz o trabalho e agora quero voltar para o meu canto. Corro para Congonhas como se estivesse no gramado. Lançamento do meio campo, disparo pela lateral direita, domino com a perna esquerda, a matadora, corto pra dentro da área e solto um tiro seco que deixa o goleiro só olhando pro canto. *Golaço do menino Didico*. Comemoro sentado no avião, poltrona 1A. Me espera que estou chegando!

Pousamos no Santos Dumont. Vou direto do aeroporto para o meu quiosque preferido. Quando chego, a caixa de som imediatamente se conecta ao meu celular. Tá entendendo por que eu gosto

de fazer as mesmas coisas? Ouço sempre as mesmas músicas. E bebo para ouvir melhor. Uma das minhas favoritas é esta aqui:*

*O que é, o que é?
Clara e salgada
Cabe em um olho
E pesa uma tonelada*

*Tem sabor de mar
Pode ser discreta
Inquilina da dor
Morada predileta*

Vamos começar a noite com o meu poeta preferido, já que passei o dia na terra dele. A batida dos Racionais nem entrou ainda e os parceiros já começaram a aparecer. Geo, senta aqui do meu lado, cara. Pede um uísque pra nós, irmão.

Já me chamaram de alcoólatra algumas vezes. Não sou médico para saber se é verdade. Provavelmente você também não seja. O que posso te dizer é que gosto, sim, de um *danone*, como falo sempre que estou com o meu irmão alagoano, Aloísio Chulapa. Que presente ter esse cara na minha vida. Quando junta os dois, esquece. Cai até o desemprego na Escócia.

Copo alto, muito gelo, metade de uísque barato e um pouco de guaraná zero. É assim que eu gosto. Sou um homem simples, sem frescuras. Não preciso de muito para ficar feliz. Mas algumas dores, cara, não passam assim tão fácil. É difícil lidar com tudo que enfrentei, e confesso que até hoje não aprendi a superar certas situações. Será que um dia vou aprender?

* “Jesus chorou”. Intérprete: Racionais MC’s. *In: Nada como um dia atrás do outro*. São Paulo: Casa Nostra, 2002.

“Adriano larga milhões e volta para a favela.” Lembro dessa manchete como se fosse ontem. Dou risada. Quem te falou que um dia eu saí de dentro da Vila Cruzeiro, cara? Nunquinha. Deixa eu te contar uma coisa. Minha mãe, a pessoa mais importante da minha vida, nasceu em João Pessoa. Com um mês de idade, ela subiu na caçamba de um caminhão, no colo da minha avó, lá na Paraíba. Eram as duas, o meu avô e mais três filhos. A família toda ao lado de outras tantas pessoas. O destino: Rio de Janeiro. E a última parada não era a Barra da Tijuca, não, amigo. Era a Vila Cruzeiro. Zona da Leopoldina.

Quando eles chegaram, a família do meu pai já estava lá há tempos. Podemos dizer que o meu avô por parte de pai, o velho senhor Miro, era praticamente fundador daquela comunidade. O filho dele, Mirim ou Mirinho, meu pai, nascido e criado lá dentro, conquistou reputação. Era respeitado por todos, inclusive pelos bandidos. Minha história naquela favela é quase tão antiga quanto a igreja da Penha. Foi lá que tudo começou, e é para lá que eu volto quando estou feliz, quando estou triste, quando quero ficar perto dos meus, ou quando preciso pensar na vida. Não é uma questão de escolha: é o único caminho que consigo percorrer sem errar. E, cá entre a gente, não estou nem um pouco preocupado com o que acham disso.

Você já me viu jogando futebol? Podemos dizer que eu era um tanque. Dentro da área não tinha jeito. Mãozada na cara do zagueiro, “sai pra lá, merda”, empurra lá, deita pra cá, e quando a bola caía na perna esquerda... Esquece. Não tem como. Papai do céu abençoe, mais um gol pro time do Didico. Ninguém me segurava. A minha vida funciona até hoje desse mesmo jeito. Não me controlam. Faço o que quero e tenho que fazer do meu jeito. Não há dinheiro, mulher, empresário, muito menos comentarista de televisão que vai meter o bedelho na minha vida. Pago um preço alto por isso todos os dias.

Desconheço, porém, outra forma de seguir em frente. Quando rompi o tendão de Aquiles jogando pelo Corinthians, minha história mudou para sempre. Minha carreira estava abalada e seria

difícil voltar. Outra vez. Ao contrário do que dizem, fiz esforço, sim, para retornar ao futebol. Amigão, eu vejo meus gols no YouTube até hoje. Às vezes, passo horas clicando nos mesmos compilados com os meus lances na Itália e no Brasil. Penso no meu gol favorito quase todos os dias. Tem muita curtida minha no vídeo de melhores momentos da final da Copa América 2004. Argentina, beijo do gordo!

Só que não dava mais, cara. Não fiz o que deveria ter feito na recuperação depois da cirurgia do meu tendão, é verdade. Também cometeram barbearagem comigo, para complicar o que já não era fácil. Quem não vai querer operar o Imperador, não é verdade? Pegaram um médico que não era especialista no meu problema e deu no que deu. Manco até hoje. Tenho um buraco no calcanhar. Veja bem, não estou colocando a culpa nos outros. Repito, não fiz a minha parte, mas também falharam comigo.

O pior mesmo é que a cabeça não estava mais no lugar que precisava estar. E aí não tem conselho nem recomendação que ajude. Quem passa por isso entende do que estou falando. Dói no corpo e na cabeça. Eu amo futebol, nunca tenha dúvidas. Recebo muitos convites. Mas não gosto mais de pisar em estádio. É uma confusão, muita gente vindo em cima com a mesma conversa. Adoro receber carinho dos fãs, não me entenda mal. Atendo a todos sempre e em qualquer lugar. Você não vai me ver recusando uma foto ou um autógrafo. Mas prefiro ficar em casa mesmo, assistindo pela televisão. Porra, tá na hora de completar essa merda de novo. Com licença. Naná! Cadê aquela garrafa que eu deixei aberta aqui ontem, cara? Não me engana, não. A noite está só começando.

Engraçado, mas meu pai não gostava de me ver bebendo. Me lembro da primeira vez que me pegou com um copo na mão. Eu tinha 14 anos, e a favela estava em festa. Era a estreia do refletor no campo do Ordem e Progresso, e por isso armaram um futebol com churrasco. Tinha gente à beça, aquela alegria tomando conta, típica da várzea, tá ligado? Pagode estralando, mulherada pra lá e pra cá. Eu ainda não era de beber. Mas quando vi a rapaziada toda tomando

um negócio, rindo, eu falei “aaaahhhh”. Não teve como, peguei um copo de plástico e enchi de cerveja.

Aquela espuma amarga e ralinha descendo pela primeira vez teve um sabor especial. Um mundo novo de “diversão” se abria à minha frente. Minha mãe estava na festa e viu a cena. Ficou quieta, né? Já o meu pai... Puta que pariu. Quando me viu com o copo na mão, atravessou o campo naquele passo apressado de quem não pode perder o ônibus. “Pode parar”, ele disparou. Curto e grosso, como de costume. Eu resmunguei: “Ah, pô”. Minhas tias e minha mãe sacaram logo o movimento e tentaram apaziguar antes que a situação ficasse pior. “Poxa, Mirim, ele tá com os amiguinhos dele, não vai fazer nada demais, tão ali rindo, brincando, deixa eles, o Adriano também já tá crescendo”, disse a minha mãe. Não teve conversa. O velho ficou louco. Arrancou o copo da minha mão e jogou fora na sarjeta mesmo. “Eu não te ensinei isso, xará”, ele disse.

O Mirinho era um líder da Vila Cruzeiro. Todo mundo respeitava. E ele dava o exemplo. O pai dele bebia muito. Esse, sim, era alcoólatra. Morreu disso, inclusive. Então, toda vez que via a molecada tomando uma, meu pai não tinha dúvida: lançava copos e garrafas que estavam pela frente no chão. Mas não adiantava, né? Então, a fera mudou de tática. Quando a gente se distraía, ele arrancava a dentadura e colocava no meu copo, ou no dos meninos que estavam comigo. O cara era danado. Que saudades dele...

Todas as lições que aprendi com meu pai foram assim, nos gestos. Não tínhamos conversas profundas. O velho não era de filosofar nem de ficar dando lição de moral. A retidão no dia a dia e o respeito que os outros tinham por ele era o que mais me impressionava. O cara não era santo também. Gostava de uma bagunça quando estava de folga, era mulhereengo e aprontava as dele. Ê, eu tenho a quem puxar. Mas era um tipo carinhoso.

Todas as noites, quando chegava do trabalho, trazia um batom de chocolate ou um quindim para mim e outro para a minha mãe. Meus pais faziam o impossível para que a gente levasse uma vida

digna. Éramos três em casa. Vivendo sempre com pouco, mas com muita felicidade. Não posso nem falar muito que já começo a me emocionar, cara. Sou assim, chorão mesmo. E quando lembro do velho, não tem jeito. A emoção bate forte.

O dia que meu pai morreu foi esquisito. Estava na Itália, não quis fazer minha família me esperar cruzar o oceano para chegar no enterro. Quando a minha ficha caiu, o velho já estava embaixo da terra. Não carreguei o caixão do meu pai. Isso mexe comigo até hoje. Muita gente acredita que meus problemas começaram ali. Eu também já falei isso várias vezes. Porra, não é fácil perder o pai assim. Quase vinte anos depois, e ainda não superei a dor. Não entendo direito o porquê, essa é a verdade.

Hoje sou pai também, tenho meus filhos para olhar. Tenho um irmão caçula que trato como cria minha. Tenho minha avó e minha mãe que precisam de mim. Já era para ter virado a página da morte do meu pai, certo? Não digo esquecer, claro. Porque isso nunca acontece. Mas lembrar dele com carinho e saudade, sem deixar que me afete de maneira tão forte, é o que quero dizer.

Talvez por isso eu tenha decidido escrever este livro. Escrever, não, porque eu não sei fazer isso. Repeti de ano três vezes e larguei a escola na sétima série, porra. Mas quero contar a minha história. A única que tenho propriedade para contar. Aqui vão as minhas versões dos fatos. E quem ficar com raiva, morde as costas.

2. É contigo mesmo

Ihhh, olha quem está chegando. Não vem, não, Thiago. O irmão mais velho sou eu, chapa. Não me incomode. Puxa uma cadeira aí. Alguém traz um Toddynho pro garoto, faz favor!

Meu irmão, filho temporão da Dona Rosilda e do Mirinho. Tenho quase o dobro da idade dele, o que significa que o camarada só conhece o passado na Vila Cruzeiro através das histórias que a gente conta. Esse já se criou à base de leite Ninho, não é, Thiago? Eu amo esse menino. Vem cá, garoto. Deixa eu te dar um beijo.

Quando ele nasceu, a vida da família já estava começando a mudar graças ao futebol. O menino estudou até nos Estados Unidos! Quem diria? Apesar de todas as dificuldades, a educação sempre foi um assunto sério em casa. Eu mesmo frequentei escola particular na infância. Meus pais tinham na cabeça que os livros levam a gente a avançar na vida. Todo mundo ama a comunidade, mas ninguém é bobo. Se der pra comer peito de peru e morar perto da praia, muito melhor.

Minha primeira lembrança de vida é a pequena casa em que a gente morava na rua 9 da Vila Cruzeiro. Minha mãe, meu pai e eu. Quer dizer, isso era na parte de cima, porque na favela ninguém tem o luxo de morar sozinho. Tudo é encostado em alguma coisa. Embaixo moravam a mãe do meu pai, um tio, uma tia e os filhos deles. Uma outra tia com outros primos também se mudaram para lá. Era muita gente, cara. Normal para a realidade do lugar. De certa forma, minha família era privilegiada, vamos dizer assim.

Nossa casa tinha uma salinha, cozinha, o quarto dos meus pais e o meu quarto. Tudo muito pequeno e simples. Só que bem ajeitadinho, não era esculachado, não. Os velhos tomavam um cuidado danado com a coisa toda. Era a conquista deles. O meu espaço não tinha muita frescura. Um sofá-cama, onde eu dormia, um ventilador pequeno, que era item obrigatório para suportar o calor, e um radinho velho que se tornou meu grande companheiro.

Quando comecei a jogar bola, no salão e no campo, a vida ficou corrida pra mim. Não existia tempo para estudar. A rotina era mais dura que a de muito adulto. Às sete da manhã, eu já estava despendendo pelas vielas do Cruzeiro, pegava antes das oito no Colégio Meira Lima. Saía de lá vazado ao meio-dia e voltava para casa. Almoçava com a minha avó, e nós dois corríamos de novo porque, às duas da tarde, tinha que estar na Urca para treinar.

Parceiro, lembre que antigamente não existia Linha Amarela, né? Então, pra tu ver como era a trajetória... Ali da Penha pra Urca, e da Urca eu tinha um treino às dezenove horas no Grajaú... Depois, todo o caminho de volta para a Penha. Era o dia inteiro de lá para cá, correndo atrás da bola antes mesmo de colocar a chuteira. Eu só chegava em casa de novo por volta das 23h00, 23h30. Aí eu te pergunto: dava tempo para estudar? Por isso que eu repeti a quinta série três vezes. Eu nunca gostei de escola, não. Mas se levei pau desse jeito é porque não estava dando tempo e atenção para os livros.

Quando entrava no meu quarto só queria fazer uma coisa: me esparramar no sofá-cama e ligar o rádio. Eu gostava de um programa que se chamava *Good Times*. Aquilo era lindo, cara. Só música americana romântica. Whitney Houston, Barry White, Lionel Ritchie... Conheço tudinho. Escuto essas joias até hoje. E canto junto, hein! Didico também arranha no inglês. Vou colocar uma aqui para vocês ouvirem, dá licença. Esse teclado é bonito demais, você já ouviu, Thiago? Já ouviu essa semana, eu digo. Canta comigo... "Don't make me cloooooooooose one more door. I don't wanna huuuuuurt anymoooooooooore."

Quando entrava essa música era emoção pura. O meu quarto não tinha televisão, mas tinha show ao vivo toda noite. *Good Times* tocando, e a vizinha da frente já sabia que eu estava em casa. A danada adorava me atijar. Do outro lado do quarto, tinha uma janela bem pequena que podemos chamar de mágica. Dali eu tinha vista direta para o quarto da casa da frente, onde uma senhora muito da bem avantajada gostava de se mostrar. A trilha sonora rolando e a mulher tirando a roupa bem na minha direção. Ficava peladinha, amigo. Ai ai, ui ui. Eu adorava aquilo, e ela também.

Hoje, eu posso contar isso porque ninguém mais mora lá. Toda noite fazia aquela “apresentação” para o adolescente. Eu é que não ia reclamar, não é mesmo? Hoje em dia, a molecada está se matando no “xis vídeos”. Na minha época, era ao vivo, chapa! Mas nunca passou disso. Eu ainda estava descobrindo a vida e não tinha cara de pau de ir lá falar com ela. Até porque na favela não existe segredo. Todo mundo sabe da vida de todo mundo. E eu não estava a fim de arrumar confusão. Mas arrumei, claro.

O jogo era bem armado na Vila Cruzeiro. A molecada toda tinha suas paqueras. E, sendo honesto, não existia exclusividade. A gente pegava qualquer uma, não tinha essa, podia ser casada, noiva ou amasiada, foda-se, a gente não pensava duas vezes não, cara. Não pensava. Tinha um baile funk para as crianças todo fim de semana, e a gente se divertia a pampa por lá. Minha primeira namoradinha foi mais ou menos nessa época. Ela se chamava Lidianne. Nem vale a pena me estender na história porque durou pouco. A triste verdade é que foi um relacionamento de interesses.

Eu já era grandão, ela era pequenininha, parecia um cotoquinho. Eu guardava um latão de 20 litros, aquelas latas grandes de tinta, tá ligado? Então, eu deixava uma dessas atrás do portão da casa da minha avó. A Lidianne aparecia me procurando, e eu já saía com o latão. Ela tinha que subir pra ficar na minha altura e a gente conseguir se beijar. A garota era cotoco, mas era redondinha, porque eu não trabalho com magrela. Nunca trabalhei. Quem gosta de

osso é cachorro, não é, Thiago? Pede mais um uísque pra mim, cara. Oh, Naná! Secou de novo aqui, meu parceiro! Completa pra gente, faz o favor.

Pois então, voltando à história da primeira namorada. A verdade é que a gente formava um casal ridículo. Eu já tinha pra lá de um metro e oitenta de altura, e ela batia na minha cintura. Os moleques tiravam o maior barato quando a gente aparecia junto. Ocorre que existia um segredo nessa relação. Que vergonha contar isso, mas vamos lá. Deixa eu dar outro gole antes. Cadê meu isqueiro, porra? Enfim... A família da menina também morava na favela, mas até lá existem camadas sociais. Toda comunidade tem a sua área nobre, a região mais pobre, as famílias que têm um pouco mais de condição, as que não têm absolutamente nada, e por aí vai. E o meu então “sogro” fazia parte da elite da Vila Cruzeiro. Por consequência, meu armário acabou ganhando uma coleção atualizada de camisetas, bermudas e chinelos da Redley. A Lidianne me dava a maior moral.

Toda vez que a gente brigava, a mocinha passava na loja do nosso pedaço e trazia um presente novo para mim. Digamos que as discussões se tornaram cada vez mais frequentes... Até que ela entendeu o que estava acontecendo. E a fonte secou. O que eu posso fazer? Cada um dá seus pulos para aparecer bem na fita. Para de rir, Thiago. Tô falando sério. Não! A história do Van Damme eu não vou contar, não. Porra, eu que bebo e esses caras é que começam com as bobagens... Essa eu já contei mil vezes e passo vergonha em todas. Mas tudo bem. A sorte de vocês é que já foi meia garrafa pra dentro, né? Estou me sentindo energizado para lembrar dessa. Olha o Orion, filho da mãe. Já chega dando risada das minhas patifarias. Tu vacila pra caramba. Tá bom, cara. Vou contar.

Nessa época, eu estudava na escola Monsenhor Rocha, lá na Penha mesmo. Acho que era lá, porque eu também confundo tudo. Enfim, na minha sala tinha essa menina, vamos chamá-la de Melina para evitar constrangimento para os outros. Ela era bem escurinha. Tinha cabelo curto, boca grossa e um olho desenhado que chamava

atenção. Mas digamos que não apresentava os atributos necessários para ser qualificada como uma beldade da favela. Só que todo mundo tem seu charme. E a Melina, que era um pouco mais velha, também era noiva, amigo. O que significa que ela já tinha experiência em um setor que eu ainda não tinha. A gente ficava trocando aquelas olhadas no meio da aula. Eu não tinha paciência para ouvir a professora de português. Eram as encaradas da Melina que me interessavam. Até que um dia ela chegou para mim no intervalo e soltou um “pô, e aí?”

Sejamos honestos, todo mundo sabe o que isso significa, né? Só que eu não tinha dinheiro para ir pro motel com a garota. Nem sabia como funcionava o esquema. Portanto, tive que fazer onde? Sim, no quarto de mamãe... A história toda demandou certa engenharia. Meus pais saíam para trabalhar e deixavam as chaves de casa com a minha avó. Tive que, na maior cara de pau, pedir que ela abrisse pra mim porque eu precisava pegar um “caderno” para a minha amiga da escola. Se a velha comprou? Não sei. Creio que não, né? Mas o que importa é que ela abriu a porta e reservou a privacidade necessária para o que estava por vir. Te amo, vó!

Subimos para a minha casa. Um ninho de amor não fica completo sem a música certa, né? Coloquei a minha fita com gravações do *Good Times* no radiozinho, e a trilha sonora encheu o quarto todo. “*And aiiiiiiii. Iaiiiii. Will always...*” É, meus amigos. Eu tenho bom gosto, já falei pra vocês. Whitney Houston tocando e a negona, com aquele beirão grandão, se deitou na cama da Dona Rosilda e fez o que mais tarde eu batizei de “abertura do Van Damme”. Porra, não tá lembrado, não? Aquele filme do ator belga. O grande dragão branco.* O cara dava umas voadoras com a perna toda abertona, parecia um compasso. Passava todo dia na *Sessão da Tarde*.

Eu creio que a Melina não perdia uma vez. Porque, meu camarada, a elasticidade da garota era de cinema. Ela só soltou um: “Vem!”

* *O grande dragão branco*. Direção: Newt Arnold. EUA: Golan-Globus, 1988. 92 min.

A moça era de poucas palavras. Eu falei: “Caraaaalho!!! Que porra que eu arrumei, rapaz?”. Aquela beterraba grandona na minha frente, e eu ainda sem saber direito o que fazer. Avisei para ela. Era a minha primeira vez. E a Melina queria me ajudar, isso estava claro. Segui as orientações gestuais dela tal como se fosse uma aeromoça antes da decolagem. Tive que dar uma gaitada. Fazer o quê? Tem que ser completo.

Aumentei o volume do rádio, a Whitney sendo minha companheira mais uma vez e escondendo qualquer barulho que pudesse causar desconfiança na minha tia, que morava embaixo. Aí foi isso. Não lembro quanto durou nem o que fizemos depois. Não vou falar que tive um grande desempenho. De zero a cem, acho que minha nota foi cinco e meio. Fiquei nervoso, confesso. Eu ainda não tinha quinhentos gramas de linguíça. Tinha uns 100, 150... Era moleque, né. Na verdade, só queria perder aquele selo constrangedor para um garoto do meu tamanho. E ela também tava a fim de uma tarde diferente, nada demais.

Acontece que na favela tem sempre um fofoqueiro. Tu sabe como é que é, né? Uma parede colada na outra. Vai esconder como? E a Whitney não me salvou da curiosidade alheia.

Uns dias depois, eu estava sentado na calçada em frente à minha casa. Quem eu vejo subindo a rua de queixo pro alto, peito aberto, cheio de atitude? Pois é, o noivo da Melina. Ele chegou perto de mim, eu me levantei. Ele falou: “Coé, rapá!”, eu falei: “Que foi?”. “Pô, tô sabendo que tu pegou minha mulher”, ele disse. Eu mandei um: “Eeeeu peguei tua mulher, rapaz? Quem é tua mulher?”. Ele: “É a Melina, rapaz!”. Eu: “A Melina é da minha sala de aula, cara. Ué. Quem que falou essa porra pra você?”. Ele: “Não... viram você entrar com ela dentro de casa”. Eu respondi: “Olha só, como é que eu vou pegar a tua mulher...”, mentira, né, “Como é que eu vou comer a tua mulher dentro da minha casa? Minha mãe e meu pai. Tu conhece o meu pai. Meu pai vai aceitar essa porra? Minha tia vai aceitar, todo mundo aqui embaixo? Para pra pensar”, eu falei. Ele me olhou

confuso. “Mas, então, o que vai acontecer?”, eu disse. Ele: “A gente vai se estranhar”. Eu: “Ah, é contigo mesmo”.

A regra básica de sobrevivência na favela é que a gente não pode arriar. Nunca. Sim, o sujeito era mais velho e maior que eu. Mesmo assim, eu não podia arriar. Porque quando você mostra disposição para o confronto, o seu oponente pensa duas vezes. “Pô, será que eu vou aguentar com esse maluco?”, ele não disse. Mas dava pra ler o pensamento no olho do sujeito. Aquele segundo de indecisão que fode o zagueiro.

Ninguém quer voltar para a casa com a pecha de corno, e ainda por cima tendo levado uns sopapos na cara. Logo, o noivo acabou tomando a melhor atitude para ele e para mim. Fingiu que acreditou e depois de murmurar umas reclamações e ameaças vazias, só para manter a honra, meteu o pé. A reputação do Mirinho salvou a minha pele e evitou confusão desnecessária. Acontecia sempre, essa é a verdade. Nunca mais vi o sujeito. Nem ela.

A minha casa era uma espécie de embaixada da favela. Todo mundo sabia onde ficava. Ninguém se atrevia a arrumar treita por lá. Porque meu pai era um cara agregador. Daqueles tipos que gostam de trazer as pessoas para perto, entende? Podemos dizer que era o pai de todos os moleques e meninas do Cruzeiro. Ele sempre queria o pessoal ao seu redor, e essa foi a origem do nosso time de várzea, o Hang. As confraternizações depois dos jogos eram na porta do Mirinho, não falhava nunca. Até ritual o velho criou lá no morro.

Toda virada de ano era organizada por ele. A molecada pintava o rosto de preto com carvão, sabe-se lá o porquê, não lembro mesmo. Mas só de pensar na cena já me dá vontade de rir. Juntava o pessoal todo. Meu pai descia na frente, conduzindo o bloco. E a gente gritava pelas vielas do Cruzeiro: “Queremos vinho! Queremos vinho!”. Os vizinhos colocavam na janela garrafas de espumante, daquele tipo mais simples mesmo, e nós íamos recolhendo. A procissão começava na rua 9 e só terminava no campo do Ordem e Progresso. Cada um trazia um pedaço de carne, um saco de carvão e era assim a

nossa virada de ano. Futebol, churrasco e uma alegria danada. Você se lembra disso, não é, Geo?

Só de começar a recordar já me bate saudade do Cruzeiro. Vocês sabem, vou repetir várias vezes, Didico é um tipo emotivo. Onde está o resto do pessoal, Orion? Liga para os caras lá, quero todo mundo aqui hoje. Tem pouca gente na nossa mesa. Começo de semana é assim mesmo, o quiosque fica mais vazio. O que eu até prefiro, vou ser sincero. Mas a nossa rapaziada tem que estar na área. E não me venha com desculpa de que está frio. Os parceiros do Thiago já estão encostando aqui também. Colaram umas muchachas lá na outra ponta do quiosque. Essas daí eu já conheço de longe. Nem cavalo aguenta.



Planeta